



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TABATINGA
CURSO DE LETRAS

ATA DE SOCIALIZAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos vinte dias do mês de junho (06) do ano de dois mil e vinte e cinco (2025), precisamente às oito horas e trinta minutos, no auditório, do Centro de Estudos Superiores de Tabatinga da Universidade do Estado do Amazonas, em consonância com o que diz o Projeto Político Pedagógico do Curso de Letras – Regulamento do TCC, reuniram-se os acadêmicos do Curso de Letras para a **SOCIALIZAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO, NA VERSÃO DE ARTIGO CIENTÍFICO**, avaliado pela professora da disciplina, Prof. Dr Gabriela Fernandes de Carvalho, juntamente com os membros da Banca Examinadora, conforme composição transcrita abaixo, juntamente à nota final do trabalho.

Tabatinga, 20 de junho de 2025

ACADÊMICO	NOTA DOS AVALIADORES			NOTA FINAL
INGRID MARCELA RAMOS MARIANO	Aval. 01	Aval. 02	Aval. 03	+---3=
	9,5	8,5	9,5	9,2

Ingrid Marcela Ramos Mariano
Ingrid Marcela Ramos Mariano
Acadêmica

Gabriela Fernandes
Prof. Dr Gabriela Fernandes de Carvalho
Orientador

Maximo Rodrigues
Prof. Dr Máximo Rodrigues
Billacrês
Avaliador 02



Itamar New Araújo
Prof. Itamar Araújo
Avaliador 03

RESGATE DA TRADIÇÃO MAGÜTA ATRAVÉS DAS OREGÜ: O CORPO-TERRITÓRIO E O RELATO DE UMA PESQUISADORA INDÍGENA.

Autora: Ingrid Marcela Ramos Mariano¹
Orientadora: Gabriela Fernandes de Carvalho²

RESUMO

A história do meu povo Magüta foi por muito tempo passada de geração para geração oralmente e contada por nossos ancestrais, mas por causa dos equívocos do não indígena que internalizou que nossa cultura e crenças e até mesmo os nomes dados pelos ancestrais, a sociedade não aceita e nem respeita. É visível que as Oregü, Ticunas e de outros indígenas é considerado mito e ainda não são aceitas como literatura indígena. A influência da cultura branca levou os povos indígenas a perderem muitos de seus costumes e crenças e até mesmo sua cultura por causa desse medo de nos aceitar como somos, somos um povo diferente, com suas organizações, cultura, literatura e crenças. Por que isso incomoda tanto? Somos um povo que vive o bem-viver, sem ganância, sem exploração. Este trabalho tem como objetivo relatar como as Oregü são importantes na construção de identidade indígena e no resgate da cultura Magüta. A pesquisa aborda os poucos trabalhos feitos pelos próprios indígenas e pretende resgatar denominações do povo Magüta nas Oregü. A metodologia para a realização desse artigo foi feita por meio de leituras bibliográficas. Dessa forma dá ênfase a produções que respeitam os processos e construções protagonizadas pelos indígenas e como estas podem auxiliar no resgate de tradições e das Oregü do povo Magüta, que existem muitas oregü que ainda não foram escritas, histórias essas que a cultura o corpo/território são o principal elemento.

Palavras-chave: Povo Magüta, Oregü, Resgate Cultural.

IRAÄTCHI

Magütagü arü oregü *ni'ĩ utchiga muõtchicü ya taunecü rü yaguãtagü nü'ũ tii utchigagü*, na'tchaecü i tomagü i tacümagü aiepena na ügü rü torü õgü, rü taegagü torü *yaguãtagü nama tü'ũ* üegaũ, i nhema tomagü tama nana yaugü rü tama *nü'ũ* na ngetchaũ. *Nü'ũ* ta daugü na i oregü, Magütagü rü togü i natucumügü i maĩyugü arü i nhema tomagü doraãcü nana cagüe erü tama nana yaugü cua'gü i maĩyugü arü äcü. Nhema tomagü *cüma* nawa nana nge na i tacümagü i nge'gü'ũ rü õgü nheguma tama yigü i cua'gü'ũca', rü tacümagü *ni'ĩ tomarä'ũ*, torü mugü,

¹ Pertencente ao povo Magüta, graduanda em licenciatura em letras na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Bolsista do programa de extensão: Ubuntu Literário, Literatura, Leitura e memória. E-mail: katleiramos2019@gmail.com

²Docente no Centro de Estudos Superiores de Tabatinga–CESTB, da Universidade do Estado do Amazonas–UEA. Doutora em teoria da literatura. E-mail: gfcarvalho@uea.edu.br

tacümagü, oregü rü ðgü. Tacü ruñ na'ca na oegaãëgü? Yiemagü rü wüi natucumü meã maëë ti'igü, tama yigü'ürica, tama totchigü i nawae'ü. Nhaã puracü nana üta na nhunhaãcü i oregüwa i nhemagü'ü rü na'ca i daü i Magütacümagü. Nhaã puracü nagu *ni'ĩ dea nama i puracü* i maïyugütama ügüü rü na'ca ta daugü i cua'gü Magütagü arü oregüwa. Na üüca i nhaã puracü nawa i ugütae i puracügü marü i ngugü'ü. Nhaãcü na üü na'ca na *nü'ü na ngetchaügü'ü* na i nhemagü'ü rü *nawata tü'ü narü ngüëë'ü* i *tacümagü rü* oregü, rü muüma i oregü tautama wügüü, oregü i tacümagü i nawa nhemaü taüne/natchica i meëtchiü *na'ca i ngu'ü*.

Deagü arü wanaruü: Magütagü; Oregü; Cua'güca' i dau.

RESUMEN

La historia de mi pueblo Magüta ha sido durante mucho tiempo transmitida de generación en generación de forma oral y contada por nuestros ancestros, pero debido a los malentendidos de los no indígenas que han internalizado que nuestra cultura, creencias e incluso los nombres dados por los ancestros, la sociedad no acepta ni respeta. Es visible que los Oregü, Ticunas y otros indígenas son considerados mitos y aún no son aceptados como literatura indígena. La influencia de la cultura blanca ha llevado a los pueblos indígenas a perder muchos de sus costumbres y creencias e incluso su cultura debido a ese miedo de aceptarnos como somos, somos un pueblo diferente, con sus organizaciones, cultura, literatura y creencias. ¿Por qué esto molesta tanto? Somos un pueblo que vive el bien vivir, sin codicia, sin explotación. Este trabajo tiene como objetivo relatar cómo las Oregü son importantes en la construcción de la identidad indígena y en el rescate de la cultura Magüta. La investigación aborda los pocos trabajos realizados por los propios indígenas y pretende rescatar denominaciones del pueblo Magüta en las Oregü. La metodología para la realización de este artículo se llevó a cabo mediante lecturas bibliográficas. De esta forma, se da énfasis a producciones que respetan los procesos y construcciones protagonizadas por los indígenas y cómo estas pueden ayudar en el rescate de tradiciones y de las Oregü del pueblo Magüta, que existen muchas oregü que aún no han sido escritas, historias en las que la cultura del cuerpo/territorio es el principal elemento.

Palabras clave: Pueblo Magüta, Oregü, Rescate Cultural.

1 INTRODUÇÃO

A palavra *Magüta* significa povo pescador: magü “pescar com vara” + gü é o plural + ta o conjunto dos pescados que está presente na *oregü*, o povo é pescado por YO'I um dos heróis. Mas hoje em dia os *Magütas* são conhecidos pelo nome Tikuna, nome estereotipado dado pelos povos vizinhos, que significa “cara preta”, por conta da tradição do povo de se pintar com jenipapo, e é a maior população indígena da América Latina que fala a sua língua. A língua materna do povo é distinta, tem dialeto próprio, que é único. A língua Ticuna é tonal e considerada uma língua isolada, ou seja, não está relacionada a nenhum tronco linguístico conhecido. O processo de colonização tentou de todas as formas diminuir os costumes

tradicionais e linguísticos do meu povo, impondo a língua portuguesa, mas conseguimos preservar a integridade da nossa língua materna.

Eu, como uma Magüta, desde a minha infância nunca gostei desse nome Tikuna, porque as pessoas usavam essa palavra como estereótipo para comparar coisa como sujo, nojento, usavam essa expressão parecendo sermos tudo de ruim. Prefiro os nomes na nossa língua, que dá para entender tudo e não precisamos explicar tanto como na língua portuguesa. Existem termos na nossa língua que no português não tem uma definição completa. Procuramos palavras que cheguem um pouco perto, pela falta de outro termo que possa melhor definir. Como a Trudruá Dorrico fala no seu livro “Tempo de Retomada”:

Eu tenho um nome que ainda desconheço, uma palavra antiga tecida nas fibras de inajá...eu também tenho um outra nome, que pertence à língua e à nação que insiste em me borrar do papel (branco)...escrevo ao longo da vida o nome exótico que me foi dado...Assino esse nome muitas vezes, e, embora ele esteja nos documentos oficiais, ele não é meu, assim como os muitos nomes de nossos montes , montanhas, serras, rios e caminhos que foram renomeados por – (descendentes de europeus?)
Eu tenho um nome que é a pele do meu corpo e cobre a extensão de dentro de fora de mim. A confissão de quem sou. O povo ao qual pertença...(Dorrico, 2023, p. 25e 26).

Assim também que optamos por usar ao longo dessa discussão a palavra/conceito *Oregü*. *Oregü* é uma experiência que só tem no meu povo, o momento em que os nossos anciões fazem a contação de narrativas e que não é só narrativas, é uma mistura de diversos mundos, naquele momento isso chamamos de *Oregü*. A palavra *Oregü* não tem correspondente em outras línguas.

O povo Magüta é um grupo indígena que habita a região da tríplice fronteira (Brasil, Peru e Colômbia), que fica localizado no Alto Solimões, no Amazonas, sendo um dos maiores grupos indígenas da Amazônia brasileira. De acordo com Silva (2016), a população estimada é acerca de 42 mil Magütas, com cultura tradicional muito rica, com língua própria, *oregü*, costumes ancestrais e práticas específicas. A história e o conhecimento do meu povo Magüta foi por muito tempo passado de geração para geração oralmente. A participação dos ancestrais na formação do conhecimento das gerações mais jovens é uma dádiva.

É muito visível que os *Magütas*, mais especificamente os presentes nas comunidades do Alto Solimões/AM, pararam de contar essas *oregü* tradicionais no seu cotidiano, fazendo com que os mais jovens muitas vezes desconheçam sua própria história e tradição. Mas, atualmente, eles veem nas redes sociais, em livros, autores e influenciadores indígenas podem fazer com que eles se interessem mais por sua própria cultura e busquem valorizá-la.

A educação dos *Magüitas* é um tema que envolve desafios. Apesar de o artigo 78 da LDB afirmar que a educação escolar para os indígenas deve ser intercultural e bilíngue para reafirmação de nossa identidade étnicas, recuperação de memórias, histórias, valorização de suas línguas e ciências, a realidade da educação indígena é muito diferente, o que era para ser uma educação intercultural e reafirmação de identidade, está sendo um apagamento identitário e cultural. As escolas formais que o branco trouxe para nossa comunidade, em vez de ajudar a preservar nossos conhecimentos, está apagando. A nossa educação para os brancos é informal, mas para gente é uma sabedoria muito espiritual.

A análise das *Oregü* tende a construir um pensamento indígena e entendimento sobre a origem desse povo e fazer com que, através dele, quebre a ignorância que ainda existe na sociedade. Vou analisar as *Oregü* usando o conceito de “corpo território”, que venho desde o início falando, o qual é uma forma de falar que o corpo perpassa por uma experiência e pode ser a nossa forma de escrever a nossa vivência como indígenas.

Corpo/território³ na cosmovisão indígena o corpo pertence ao território de origem, as tradições culturais, a relação familiar e social dos povos indígenas está vinculada ao território. Não dá para separar o corpo do território, a terra é a nossa mãe, somos o seu fruto, ela nos mantém e dá tudo para sobreviver. Ela também nos ensina que a nossa relação também tem quer ser espiritual e não somente material. O território para os povos indígenas não significa apenas o espaço geográfico ou um elemento de produção, mas sim toda uma cosmovisão sagrada que carrega como lugar primordial do mundo visível e do mundo invisível que povoam a natureza, e só os indígenas conseguem entender como é importante a relação com a natureza e o território, porque eles já estavam aqui muito antes da colonização. Para nós, não existe distinção de corpo/território, tudo está conectado, tudo é natureza.

A pesquisadora, escritora e ativista indígena do povo Macuxi, Truduá Dorrico (2020) afirma que escrever é um ato de sintonia com a ancestralidade, é ser guiado pela espiritualidade que nosso corpo-território habita. E a poética precisa ser sentida, não só ouvida. Ao registrar nossas *Oregü* nos conectamos com nossos ancestrais. Através delas, somos conduzidos a um entendimento de que pertencemos a um lugar, um território, o qual faz parte da gente, e isso vai além da escrita, é sentir o lugar. Minha vó dizia que quando o território não conhece a pessoa ele a rejeita de uma forma cruel, mas quando você nasce, cresce no lugar ele se alegra e te

³ O conceito corpo/território nos remete ao conceito de escrevivência de Conceição Evaristo: a ideia de escrevivência é oferecer uma nova teoria literária de escrita, uma escrita de si, uma autoficção, falar da sua própria vida, ser o sujeito da narrativa do seu tempo.

acolhe como um filho(a). Território é um elemento importante de resistência dos povos indígenas

Esse trabalho será escrito por mim, uma mulher indígena *Magüta*, um corpo que nasceu e vive nesse território ancestral, que faz parte da natureza, não é um estranho que vem de fora. Quando realizamos um ritual, nele está presente uma experiência de contato com o lugar, com os ancestrais e vários outros elementos.

Às vezes fico pensando como é incrível que vários povos de culturas diferentes que habitam diversos lugares tornam esse planeta tão especial, e tudo aqui tem sentido, podemos viver nas montanhas com os espíritos, habitar e viver na floresta, sem que façamos mal a ela.

Este trabalho abre caminhos para meu povo, que desde quando o colonizador chegou ao Brasil, nunca tivemos paz, sempre a nossa nação foi marginalizada, humilhada e inferiorizada em vários aspectos. A partir do conceito corpo/território podemos escrever as nossas vivências, experiências, é esse corpo que transpassa pelas oregü para que outras pessoas do nosso povo também possam se inspirar e, com isso, não deixar que não indígenas fiquem nesse lugar confortável. Que a literatura indígena infernize seu ambiente assim como eles fizeram e ainda fazem com o corpo/território indígena.

Cada povo tem suas tradições específicas que se diferenciam em vários aspectos como nas comidas típicas, frutas, rituais, costumes e crenças. O povo *Magüta* tem uma tradição que é a festa da moça nova (*worecütchiga*), uma celebração de significado cultural que marca a passagem das meninas para a vida adulta. Esse ritual começa da seguinte forma: após da *weüne* (primeira menstruação) a moça fica de reclusão por um ano em um *Turi* (casulo), onde só um irmão, sua mãe ou tia pode vê-la e mais ninguém. Eles vão levar a comida. Quando a menina quer fazer as necessidades, o irmão ou a mãe a leva com os olhos vendados para que ela não veja esse mundo, ele/a leva a *worecü* escondida para fora sem que ninguém a veja, pois os perigos serão constantes durante esse rito, dentro do *turi* que ela recebe os ensinamentos como *ãpa* (aprende a fazer fio de tucum), tece cestos (*ngeri*) e bolsas de tucum, que serão entregues aos convidados. E comem carnes assadas (queixada, porco-do-mato, anta, veado). A caça é uma atividade recorrente, utilizamos instrumentos como a *zabaratana*, flecha e armadilhas. Nos alimentamos também de peixes grandes moqueados (matrinxã, tucunaré, tambaqui, pirapitinga) durante esse confinamento da *worecü*. Os pais fazem uma roça, caçam e pescam para quando chegar o dia do *yü'ü* (festa) ter bebida e comida para os convidados. As bebidas são chamadas de *paiyawaru* (pajuaru) e caçuma (*tcha'ũ*), que é feito da macaxeira; alua é feito de abacaxi e *tchitcha* feito de milho, e outras bebidas fermentadas.

A “pelação” é um processo em que se arranca os cabelos da menina jovem *worecü*, feito pelas anciãs, durante o ritual. É muito doloroso, mas necessário. Durante a pelação, as anciãs na *utü* (cantam), dando conselho para a *worecü*. Cada fio de cabelo arrancado é pelas pessoas presentes no rito. O *yü'ü* (ritual) tem duração de três dias a uma semana, dependendo da família. Para que os convidados de outras comunidades cheguem a tempo para a festa, no primeiro dia o *tutu* (tambor) começa tocar, isso significa o convite, durante esse dia todas as pessoas começam a ralar o jenipapo (e *ariü wai*). Com o jenipapo, cada pessoa pinta seu rosto conforme o seu clã, para se identificarem. A menina também pinta o seu rosto e o seu corpo, a moça usa uma saia vermelha, com os *natchagü* (colares) e com o *ngo'ücüra* (cocar). Nessa semana, os *Magüta ini'ĩ caĩãtchigü* (dançam) e as anciãs cantam (*wiyaegü*), e essas canções são os ensinamentos, durante a festa. Na festa, acontece a comunicação com os *toü* (imortais) que vivem nos locais inacessíveis, eles *narü ücu norü natchinema* (surgem) com os seus rostos de animais.

O objetivo do *yüü* (festa) é apresentar a menina para o povo. Após passar por todo esse processo, chega o último dia em que a moça nova se banha no rio, os anciões pegam cinzas com a cuia e joga no caminho que a menina vai percorrer até chegar ao rio. O pajé presente finca um *na'ne* (vara *tacana*) no rio e a moça começa a mergulhar ao redor da flecha *tacana*, esse é o último ato que vai significar o final do ritual, o banho simboliza a pureza, ela surge como uma nova mulher na sociedade *Magüta*.

2 AS OREGÜ E O RESGATE DA TRADIÇÃO MAGÜTA

Narrativas, mitos e lendas. Essas palavras foram criadas pelos não indígenas, mas não necessariamente contemplam as necessidades e compreensões dos povos indígenas. Pode-se dizer que o pensamento sobre o outro condiz com um processo de invenção que eles não querem admitir. Vou explorar a diferença entre mito, narrativas, lendas e literatura por meio de um olhar *Magüta*, esse assunto que muitas das vezes não é tão relevante para a sociedade, essas palavras não são nossas e nem os parâmetros de hierarquização.

O que é mito? A palavra mito, no dia a dia, é usada em vários sentidos, entre elas, farsa e mentira. Durante muito tempo, as crenças em que os povos indígenas acreditavam eram consideradas mentira pelos não indígenas, tendo sido definidas como mitos e lendas, essas são algumas das palavras que eles designaram a nossa forma de acreditar, sem ao menos perguntar se nós aceitaríamos essas denominações, foram eles que determinaram estas *oregü* como mitos,

vão ser sempre eles que vão determinar e denominar essas e outras coisas? É isso que a escritora Dorrico do povo Macuxi crítica nesse trecho abaixo:

As crenças indígenas foram definidas — exaustivamente — como mitos. Mitos, lendas, folclore são algumas das diversas derivações que perseguem nossa profissão de fé. São os corpos brancos que determinam serem mitos nossa forma de congregar. Não somos chamados de povos e populações tradicionais? A gradação é infalível: se meu Deus é mito, se os espíritos que reverencio são mitos, eu também sou mito. Sou um fantasma, o pesadelo mais importuno do mundo moderno: um fóssil vivo lembrando todo dia que sobrevivemos. Mas eis que vou contar um mito: começa com o Descobrimento, e você sabe que parte dessa ficção estamos (Dorrico, 2023, p.69).

As formas como os povos indígenas explicavam sobre as coisas no mundo, sobre seres, grupos para as pessoas que não convivia com aquelas crenças é espiritual, vocês não indígenas não conseguem entender por que a mente de vocês está cheia de teoria, conceito e mentiras e não conseguem se fundir com o cosmo do nosso mundo. Somos povos indígenas de constelações de diferentes memórias de existência, costumes e mundos, que estão espalhados por essa terra, de onde querem nos separar.

Existem várias narrativas diferentes sobre fundações dos povos indígenas aqui na terra, assim como a do povo Magüta antes de sermos humanos, fomos peixes, isso também acontece nas histórias dos outros povos, tem pessoas que eram árvore antes de ser humano.

Muitas vezes eu desejava compartilhar meus saberes na sala de aula, as formas de explicação do mundo e das coisas, do ponto de vista dos Yepamahsã. Quando me esforçava para contar, os professores logo diziam que isso era mito, que aquele espaço (sala de aula) era para aprender Filosofia, ou melhor, era espaço para filosofar (Barreto, 2021, p. 27).

O que o Barreto diz na citação acima, acontece muito em escolas e universidades onde os indígenas tentam explicar a visão de mundo, mas muitos não aceitam e dizem ser mito, sem antes conhecer e entender, nos obrigando a aprender a visão de mundo deles sem questionar. Desde a invasão foi assim, tudo que vinha deles tínhamos que aceitar calados, mas quando queríamos mostrar as nossas filosofias, nossos conhecimentos eles ignoram, mas eles também roubavam nossos conhecimentos e transformavam essas ideias como se fosse deles. Mas ninguém se importava com os conhecimentos que temos e que era e é muito avançada.

A obra literária é produto da imaginação, porta significados que requerem interpretação e constitui objeto estético. Estabelecer como literários os textos fixados pela escrita significam classificar como não literário os textos da produção oral. Assim, parece ser criado um distanciamento entre a construção discursiva que conduz à literatura e aquela que compõe a tradição oral (Thiél, 2012, p.37).

A literatura é um conceito ocidental, onde as manifestações artísticas e culturais fora desse padrão são consideradas feias. Obra literária é resultado da imaginação e possui definições que exigem um estudo sobre esse objeto. A literatura ocidental determina como

cultos os textos escritos, enquanto os textos produzidos pela oralidade são vistos como não literários. Assim, cria-se uma barreira no discurso construído pela literatura, o que impede que a tradição oral se encaixe nesse ambiente formal. A literariedade dos textos indígenas é única e distinta dos textos canônicos. “A literatura indígena ainda não é estudada como merece na maioria das escolas brasileiras. Vários fatores contribuem para o desconhecimento e a dificuldade desse encontrar obras da literatura indígena brasileira nos espaços do saber-bibliotecas, livrarias, escolas, academia” (Thiél, 2012, p. 49).

Se pararmos para pensar, isso é uma realidade, a literatura indígena não está sendo bem estudada em nenhuma escola, falo isso porque comprovei isso quando eu estudava, nunca nenhum professor mostrou ou falou que tinha ou tem escritores que escrevem para os seus parentes, os especialistas e professores estão preocupados só em seus cânones e nem sequer conhecer um autor indígena, os exames de ensino médio e fundamental mostram bem a ausência de valorização de obras indígenas.

As pessoas têm dificuldade de entender essa literatura indígena, porque não compreendem essas suas multimodalidades discursivas e suas textualidades, isso mostra suas ignorâncias com os textos indígenas. Nós chamamos de *Oregü*, essa palavra vem dos nossos ancestrais, ela já diz tudo o que queremos dizer na nossa língua, não precisamos de conceito, teoria, palavras rebuscadas para definir as coisas que queremos falar, mas para chegar numa definição mais perto, para vocês entenderem, vou usar as palavras histórias e narrativas, desde quando o colonizador chegou nas nossas terras, querem mandar, nomear do jeito que eles querem. Por que só os não indígenas podem dar nomes? Por que só eles têm direitos de designar as coisas que existe na terra? Nossos ancestrais nomearam primeiro que ele as coisas que já existia e existe aqui.

A literatura indígena já existia antes mesmo de o Brasil ser descoberto e se tornar Brasil. Essa literatura estava presente todo esse tempo aqui na oralidade, a oralidade é o modo de preservar a língua e a cultura, sempre priorizamos a oralidade como uma ferramenta de transmissão de conhecimentos da tradição e com esse instrumento fazemos com que os jovens cultivem a memória, nos artefatos nas paredes das cavernas, nas árvores, nos cantos, mas estava sendo soterrada pelo tempo e pelas pessoas que não queriam e não querem reconhecer, aceitam e respeitam essa literatura milenar que já existia e até hoje existe.

Narrar uma *oregü* é arte que está entrelaçada com a própria humanidade. A tradição oral é uma ação de tecer história, conservar os conhecimentos tradicionais, manifestação cultural e ela também comprovar a nossa identidade. A literatura indígena surge primeiro na

tradição oral, muito antes da invasão do Pindorama, após tentarem apagar nossas *oregü* orais, passamos a fixar nossas narrativas escrevendo, para manter nossa memória e preservação da tradição oral.

O conceito de literatura ocidental são manifestações de expressar os pensamentos na técnica de escrita de textos, mas para nós indígenas, a literatura vai além dessa manifestação. Daniel Munduruku, em *História de Índio*, menciona que para nós a educação vem de dentro para fora, florescer sonhos, para nós indígenas a literatura começa com um ato, na nossa cultura *Magüta* e em outras culturas ela deixa de ser escrita, estético, e nasce em um ato simples que envolve várias dimensões de conhecimentos, de ancestralidade, de vivência e surge oralmente que a sociedade não consegue compreender e aceita. Muitas das nossas *oregü* e literatura indígenas os não indígenas nomeiam como lendas e mitos que é um equívoco, esses conceitos vêm dos estereótipos para reduzir as nossas literaturas à mentira.

Para o não indígena, tudo que é relevante deve ser escrito, só se tiver um registro, só assim eles aceitam. “Narrativas orais possuem uma sofisticação discursiva diferente daquela das narrativas de tradição escrita ocidental. A leitura da textualidade indígena envolve a percepção de como as tradições escritas e orais se inter-relacionam” (Thiél, 2012, p.41).

A tradição ocidental foca só nos textos escritos e esquece que a literatura vai além, ela abrange outras áreas como a dança, as músicas, a arte e assim como a oralidade, isso se inter-relacionam na cultura indígena. Então a literatura indígena não está tão distante disso, porque a literatura indígena engloba todas essas manifestações em sua cultura e principalmente a oralidade.

Eles nos obrigaram a aprender os códigos deles, então escrevemos nossa literatura nos códigos deles para que eles entendam e que possam amolecer esse coração e mente de gelo. Decidimos se as nossas narrativas é verdade ou mentira não vocês, nós não inventamos nem omitimos como muitos de vocês fazem, temos nomes, nós temos nomes.

Essas narrativas são justamente para reescrever esses imaginários que os colonizadores criaram colocando-os como os principais, os dominadores de tudo, os heróis nos livros e no imaginário das sociedades, e colocando os povos originários com burros, preguiçosos, que não sabem de nada e várias outras palavras para se referirem aos indígenas. Diz Graúna: “Ao escrever, dou conta da ancestralidade; do caminho de volta, do meu lugar no mundo.” (Dorrigo, et al., 2020, p. 19). Quem souber ouvir a nossa literatura indígena, compreenderá a essência da vida, se quiserem entender e compreender minha cultura, leia nossas narrativas, histórias e *oregü*. O nome do meu povo é *Magüta*, nós temos uma literatura que denominamos *oregü*.

3 LIVRO *TORÜ DUÛ'ÛGÛ*: A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA

O livro *Torü Duü'ügü* (Nosso Povo) traz narrativas contadas oralmente pelos nossos ancestrais pôr muito tempo tendo sido passadas de geração para geração. Não somos como os brancos que coloca tudo o que eles pensam no papel para durar bastante, nós indígenas guardamos as *oregü* na memória, dentro de nós. Então, chegou o momento de fixar ainda mais essas narrativas, como os brancos fazem quando querem dizer algo para alguém. Os *Magüta* escrevem essas *oregü* para que os brancos e parentes possam ler e conhecer mais uma história que está presente nesse mundo, e que por muito tempo foram silenciados e marginalizados.

O livro ajuda a manter vivas essas *oregü* que está se perdendo em meio essas influências que o não indígena traz para os jovens *Magüta*. Os jovens estão deixando de acreditar nas *oregü*, deixando de lado sua cultura para valorizar apenas a cultura do colonizador, que quer acabar e apagar essas *oregü*, que agora está tatuada nesse livro. Essas narrativas que estão nesse livro, e as contadas na oralidade, tem algumas diferenças. Como sabemos, as histórias narradas com o tempo vão se modificando, não totalmente mais em pequenos detalhes, por exemplo, o meu avô conta essas *oregü* para a gente, mas em outras comunidades têm anciões que falam dessas narrativas de outra forma.

A primeira parte do livro, mostra as imagens das reuniões, nas quais os *Magütas* das comunidades Vendaval, Campo Alegre e Belém do Solimões dialogaram como seria a organização do livro da primeira publicação da década de 80, onde este livro contou com a participação ativa das lideranças e dos anciões *Magütas*, que são contadores de histórias, professores, homens, mulheres e crianças e estudantes, essas mãos que ajudaram a construir essa comida de narrativas. E também mostram a sua reedição e ampliação da nova versão que aconteceu em 2022, as imagens das discussões para a elaboração das narrativas no museu *Magüta*, onde as lideranças se reuniram para discutir a atualização da gramática das histórias, parcerias feitas na reedição, e tudo traduzido na língua Ticuna.

O livro é feito por indígenas *Magüta* e para os mesmos. Assim como os parentes estão fazendo nas outras regiões do Brasil. A segunda parte do livro é onde estão as narrativas escritas em língua ticuna e em português. É uma edição bilíngue (português/Ticuna), quer dizer que as narrativas foram escritas em língua nativa e em língua portuguesa para que as pessoas que vão ler essas histórias entendam como esse povo tem uma característica única. O livro contém seis *oregü* tradicionais do povo *Magüta*, o *Norü ügü tchiga* (o início da história), *Matchi`i tchiga*

(história do Matchi`i), *Ucae tchiga* (história do Ucae), *Moëtchiga* (história do Moe), *Metare tchiga* (história do Metare) e por último *Wūcutcha tchiga* (*Wūcūtcha*).

Na capa do livro tem o nome escrito em língua ticuna e em português e mostra uma imagem de um jacaré enorme com 7 pessoas, 4 homens e 3 moças em cima dele, indo em direção à lua cheia. O livro chega para mudar e quebrar com esse padrão de que só os não indígenas têm histórias, e que tudo tem que ser do jeito deles, o livro é diferente dos livros padrões e já começa pela linguagem. As primeiras narrativas que vão aparecer são escritas na língua Ticuna, com imagem ilustrativas dos personagens das *oregü* e depois vem as escritas em português sem as imagens.

As narrativas que estão presentes no livro são importantes porque são histórias de fundação, cada povo indígena tem sua própria cosmologia de origem, nelas contêm a origem de cada povo e essas histórias falam da cosmologia do meu povo e como surgiu o nome que temos hoje, por ser muito importante saber de onde a gente vem, de como surgimos. O escritor indígena Ailton Krenak (2022) afirma que os rios, esses seres que sempre habitaram o mundo em diferentes formas, são quem sugerem que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral. O autor faz uma analogia no livro *O futuro é ancestral* (2022), dos rios que já estavam aqui muito antes de nós, assim como as *oregü*. As *oregü* são como os rios que sempre estiveram aqui e continuam habitando diversos mundos de distintas formas. A importância das *oregü* é de informar os acontecimentos do nosso passado e ajudar o nosso futuro.

Dentro de nós *Magütas* estão os sonhos e memórias do nosso território e de nossos ancestrais, ela pode nos ajudar a se preparar para o futuro, e muitas das vezes os nossos ancestrais falavam dessas narrativas para proteger o povo das coisas que os brancos fazem conosco. Elas são uma forma de nos proteger desse abismo colonial que está nos consumindo e iludindo. Muitas vezes criticamos nossos avós, mas eles sabem muitas coisas que a gente nem sequer viveu.

Essas narrativas não são importantes para os não indígenas, porque eles não têm essa conexão com a natureza, eles só querem destruir e usá-la como recurso e satisfazer suas ambições, matando a cultura, identidade, manifestações e a própria terra. No livro “Ideias para Adiar o Fim do Mundo”, do Krenak (2020) diz: “eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmo é natureza, tudo em que consigo pensar é natureza”.

Ao trazer essas narrativas que são memórias, busco afirmar que nós indígenas temos nossas próprias formas de reconhecer, compreender e aprender o mundo. As aprendizagens que

adquirimos no cotidiano nos possibilitam ser diferentes e ser corpo em conexão com a natureza, com os nossos ancestrais e com outros mundos que existem e os “brancos” ignoram. Os fundamentos e as aprendizagens que desde cedo produzimos possibilitam diferenciar materialidade e espiritualidade do corpo-natureza/cultura. Essa relação do mundo como território é uma relação social, para que nada fique fora do lugar, tudo tem que estar conectado cumprindo sua função no mundo (Barreto,2022, p.71).

Nós, indígenas, temos uma relação muito forte com o mundo e a natureza, sonhamos nela, nós fazemos parte dela, aprendemos com a mãe terra. A sabedoria está em tudo, não em só um local, mas em cada detalhe, nas coisas simples e aprendemos na prática, na coexistência, com os sonhos, observando o ciclo da vida ao nosso redor, ao plantar, ao cuidar e ao colher.

Existem outras versões das *Oregü* como no livro das árvores, onde fala sobre a importância de cada árvore que forma essa floresta que temos, de cada função delas no mundo e no cotidiano do corpo/ território, como a árvore do jenipapo. Também tem uma narrativa que fala sobre a dança da moça nova e das árvores utilizadas na festa e no dia a dia dos *Magüta*.

Ademais, como tiram da floresta essas matérias, a importância desse procedimento na cultura é simbólico. Essa árvore sagrada que também faz parte dessa terra onde o corpo tem uma conexão com esse território. Já no livro dos peixes, onde também as *Oregü* estão presentes, fala sobre a importância dos peixes na nossa alimentação, o livro fala da origem dos peixes, e da importância deles na nossa cultura. Quando a *Tetchi arü ngu 'ü* joga a borra de jenipapo na água surge a piracema onde aparecem vários tipos de peixes. Então, essas narrativas estão muito ligadas à natureza, ao corpo/território de cada ser presente nas histórias.

3.1 TORÜ DUÛ'ÜGÜ: NARRATIVAS DE ORIGEM DO NOSSO POVO

A *Oregü* “*NORÜ ÜGÜ TCHIGA*” é uma das histórias que vou falar, ela é a primeira narrativa do livro, fala de um homem chamado Ngutupa e de uma mulher chamada Mapana, eles foram os primeiros *Magüta* a existir, e isso foi antes do mundo se formar. Dá para perceber, ao ler essa *Oregü*, um pouco do mundo *üüneë* (sagrado). Para nós *Magütas*, a narrativa vai falar como esse mundo foi criado, conforme mostra o trecho abaixo:

Antes do mundo existir, Ngutupa já existia. Ele não teve pai nem mãe. Mapana, a mulher de Ngutupa, se criou junto com ele. No mesmo lugar viviam também Baia e sua mulher. Baia era parente de Ngutupa. No lugar onde esses quatro se criaram é onde ficava a montanha *Taiwegüne*. É no *igarapé Tonetü*. Naquele tempo, a terra ainda estava se formando. O mato era baixinho e o rio ainda tinha pouca água. Lá eles viviam. (Raposo, et al.,2021, p.99).

Os lugares que a Oregü menciona é hoje conhecido como Eware e esse lugar é habitado por nossos ancestrais, os anciões contam que não era bom falar ou pensar em maldade, porque eles eram castigados de uma forma horrível. O território em qual os Magütas surgiram já mostra essa relação que o homem tem com a natureza, e a Oregü mostra isso.

O cenário que a narrativa passa é muito espiritual. A relação homem/natureza é muito constante na narrativa, e sempre está presente de várias formas. Os ancestrais se transformavam em animais e falavam com os que viviam lá, como podemos ver quando Mapana pede ajuda da vovó que primeiro aparece como um pássaro cançã e depois se transforma em uma pessoa que desamarra a neta da árvore.

O trecho“ — *Vovó, venha me desamarra... O Cancã se transformou em gente e, chegando mais perto, perguntou: — O que lhe aconteceu, minha neta?*” mostra que os ancestrais estão perto observando seus netos, que também eles ajudam de várias formas, é por esse motivo que para os Magütas os espaços, as árvores, os rios, as montanhas, os seres vivos e todas as coisas têm um dono (na anätü), está vivo. Existe o mundo visível e invisível para a gente, eles não se distinguem, tudo está ligado, nosso corpo está ligado com a natureza e a terra.

Depois de uma semana, os joelhos cresceram. Começaram a ficar transparentes e parecia que havia algo lá dentro. Ele olhou e num dos joelhos viu duas pessoas. No outro, viu outras duas pessoas. No dia seguinte, Ngutapa já podia enxergar num joelho um rapaz fazendo sua zarabatana e uma moça tecendo um bure (cesto)... Ngutapa olhou e de seus joelhos saíram dois homens com suas zarabatanas e duas mulheres com seus cestos. Do joelho direito, pulou Yoi e sua irmã Mowatcha e do esquerdo Ipi e sua irmã Aicüna (Raposo, et al.,2021, p.100).

A citação acima mostra como os ancestrais Yoi e Ipi e suas irmãs nasceram, eles surgem de uma picada de abelha e quem gera eles, não é uma mulher, mas sim um homem. Outra coisa que vemos na Oregü é que os irmãos já vêm trazendo os instrumentos que hoje existe, Yoi e Ipi trouxeram a zarabatana que é um instrumento de caça e as irmãs Mowatcha e Aicüna trazem o cesto que é a ferramenta das mulheres na roça. Veja como a história envolve muitos elementos da cultura Magütas que nos dias atuais ainda são praticados em suas comunidades de origem, que está presente na Oregü, onde os ancestrais guardaram na memória durante séculos.

Passaram-se alguns anos. Naquele tempo, as pessoas imortais (ü-üne) cresciam muito depressa. Por isso, os filhos de Ngutapa logo ficaram grandes. Um dia, Ngutapa saiu para pescar com timbó e Yoi e Ipi foram caçar no mato. (Raposo, et al.,2021, p.100).

A palavra ü-üne na narrativa se refere aos imortais, os imortais são Yoi, Ipi, suas irmãs e seus pais que viviam no Eware. Por eles serem os imortais e já adultos, já estavam preparados

para ajudar seu pai na pesca. A pesca é uma atividade feita pelos homens na cultura indígena Magüta, como antigamente não tinha malhadeira e nem anzol, usam um cipó chamado timbó, esse cipó tem uma substância que pode enfraquecer os peixes ou mesmo uma pessoa, usado até hoje na pesca em lagos e igarapés.

“Tetchi arü ngu’ü”, do mesmo livro, narra uma história em que uma moça que nasce da árvore do umari que é uma fruta muito consumida pelos Magütas. O jenipapo também é uma fruta que pode ser consumida quando estiver madura, além de ser utilizada como um remédio. O jenipapo possui várias utilidades, como tinta natural. Usamos a fruta para as pinturas corporal e essa pintura simboliza uma proteção contra doenças e outros males. O jenipapo, na narrativa, dá origem a piracema. Piracema é um fenômeno da natureza onde vários tipos de peixes se juntam e formam um cardume. Todo ano, quando os rios estão cheios, ela surge para alimentar os Magütas. Ao longo da narrativa vemos que a relação com a natureza é muito forte.

Yoi queria pescar o seu povo. Foi então buscar uma fruta de tucumã para usar como isca. Mas com a fruta de tucumã ele não conseguiu pescar gente. Os peixes se transformavam em animais. Pegou queixada, porco-do-mato, todos com seu par, sempre macho e fêmea. Vieram muitos animais. Então, Yoi pensou que para pescar gente ele precisava arranjar uma outra isca. Aí experimentou com macaxeira e os peixes que saíam logo se transformavam em gente. Assim, pescou muita, muita gente (Raposo, et al.,2021, p.108).

Nesse fragmento do livro, vemos as origens de animais e de pessoas Magütas, o ancestral Yoi pesca os animais que existem hoje e seu povo, com elementos naturais quando os peixes são pescado e se transformam. Essa transformação, que é única, você ver primeiro uma fruta, depois surge como um peixe e por último se transformar em um humano.

Veja que tem uma isca específica para pescar os animais, a qual é o tucumã, uma fruta encontrada na tríplice fronteira. Outra isca é a macaxeira. A macaxeira é uma batata, sendo de duas espécies, utilizada no preparo da farinha, um alimento que não pode faltar na mesa dos Magüta.

Então, meu irmão, vamos matar uma jacarerana para conhecer a nação do pessoal? Yoi concordou e eles logo acharam e mataram uma jacarerana. Cortaram o animal em pedacinhos e colocaram num pote bem grande para ferver. Quando já estava cozido, chamaram o pessoal para beber. Numa colher de pau, Yoi dava a cada pessoa um pouco daquele caldo. Os primeiros que tomaram receberam a nação de onça (Raposo, et al.,2021, p.108 e 109).

A origem, tradições e histórias estão integradas nessas Oregü, esse fragmento do livro fala como surgiram os clãs. O povo Magüta é dividido em dois grupos nacüã’ (clã) ätchi’igü (com pena) que são: Arara, Japó, Mutum, Galinha, Manguari, Urubu-rei e Tucano, e o clã ngetchi’igü (sem pena) que são: Avaí, Saúva, Jenipapo, Buriti, Onça e Boi. O clã significa o

nome dado na língua Ticuna, exemplo sou do clã de onça, do grupo sem pena, meu nome na língua é Tame'na, que significa pata grande, cada nome é uma característica dos clãs, a pessoa recebe o nome conforme o grupo e o clã a que pertence. São os avós e os anciões que atribuem o nome a criança. O clã é herdado do pai.

Cada pessoa que bebia ia embora, ficava longe dos outros. Depois da nação de onça, veio a de saúva. O pessoal bebia e logo sabia sua nação. – Ah! Esse caldo está azedo, é da nação de mutum – falou uma das pessoas. Beberam até que se criaram todas as nações que existem hoje (Raposo, et al.,2021, p.108 e 109).

Essa regra foi imposta por nosso ancestral YO'I. Ele teve a ideia como poderia fazer para que cada pessoa que ele pescou tivesse sua nação e seu nome, até aquele dia só existia um único povo e as pessoas não podiam se casar entre elas. Então, ele matou uma jacarerana, como mostra o trecho acima, e fez um cozido dela. Quando o caldo ficou pronto, YO'I chama o pessoal para provar o caldo, numa colher de pau, ele dá para cada pessoa provar, os primeiros provam e recebem o clã de onça, e assim YO'I impôs a regra do casamento. Isso também foi uma forma de aumentar a população Magüta. O clã também é uma forma de nos reconhecer como parentes. Assim, podemos ver que a relação homem/natureza/território está muito forte nas Oregü desse livro e que temos que preservar a cultura e a ancestralidade do povo Magütas.

Nós, do povo Magüta, fazemos a representação desses clãs na pintura facial, cada clã tem sua forma de pintura, essa pintura facial é feita com o jenipapo em volta dos lábios, e assim podemos identificar quem é de tal clã ou se é parente. Essa pintura facial é usada no ritual da moça nova para se identificarem. Aí, podemos ver o corpo/território mencionado no início, nas Oregü do livro.

4 RELATO DE UMA PESQUISADORA MAGÜTA

Álvaro Tukano, pesquisador indígena, afirma que “queria que os salesianos fossem todos presos, se possível, executados por serem praticantes ativos do etnocídio, que é uma etapa anterior ao genocídio. Primeiro, você mata a língua, a memória e a cultura, e deixa o corpo andar por aí.” Existem narrativas e histórias que não conhecemos e uma delas é a do povo Magüta, precisamos resgatá-las para nos mantermos vivos. A história de cada *magüta* ajuda a fortalecer a história de todo nosso povo, pois nos entendemos a partir de uma coletividade.

Sou uma mistura do não indígena com uma Magüta, nasci na comunidade indígena Umariacü II, mas fui levada bebê para morar na cidade de Tabatinga–AM, com minha vó materna. Quando criança, me perguntava porque as pessoas sempre zombavam de mim, nunca questionei isso, desde pequena via a minha vó conversar com as pessoas da comunidade onde

nasci. Achava engraçado porque conseguia ouvir todas as fofocas que elas falavam para minha vó, mas não conseguia responder. Desde aí, coloquei na minha cabeça, um dia vou falar a minha língua materna (Ticuna), sempre conversava com a minha vó sobre isso, mas ela respondia“ — Por que você quer aprender a língua? Ela não vai te servir para nada. E não quero que você vá para comunidade”. Mas, como sempre fui teimosa, não deixei o meu sonho de lado, estudei um tempo numa escola de branco e sofri muitos preconceitos por ser uma indígena.

A palavra preconceito não existe para os povos originários, nós respeitamos as culturas, a identidade de cada pessoa e povo. Fui aprender esse termo na escola dos não indígenas. Eu pensava ser igual a todos, mas descobri que sou diferente e fico feliz por ser diferente, não quero ser uma pessoa má, que fica se divertindo com o sofrimento de outras pessoas, como os meus colegas faziam comigo na escola que estudava, então fui morar com minha mãe na comunidade de Umariacú II, porque não aguentava mais os bullying e preconceitos que sofria na escola dos não indígenas. Fiquei muito contente quando minha mãe me matriculou na escola Almirante Tamandaré, que, naquele tempo, era comandada pelo exército. Percebi que os meus colegas de classe não gostavam de mim por não falar a língua, mesmo assim eu estava feliz, ia para a aula sempre. Nas aulas de português eu me destacava, queria poder brincar e conversar com as outras crianças, mas não podia porque não conseguia falar a língua, apesar de entender tudo. Foi muito difícil para mim no começo, mas depois de um tempo comecei a falar a língua ticuna e mais uma vez as pessoas riam de mim por não falar direito a língua materna. Mas não me desanimei, continuei a aprender. Apesar de estudar numa escola indígena com professores indígenas, pouco existiu nas escolas sobre as narrativas Ticuna, as aulas os conteúdos sempre foram a gramática e na parte da literatura era leitura de contos poesia e histórias só dos colonizadores, não tinha nem um vestígio das narrativas que está no meu objeto de estudo e que estou lendo.

Desde o início os não indígenas procuram excluir a gente da sociedade, criando todo tipo de artimanha, mentiras, para que nós, indígenas, não sejamos reconhecidos como humano. Essa “humanidade” que eles dizem ter, está destruindo tudo aqui na terra, e querem colocar a culpa na gente, sendo que eles é que são os culpados e não reconhecem seus erros.

Usam essas artimanhas nas instituições para nós indígenas não conseguirmos entrar na universidade colocando uma ou só três vagas na cota sabendo que somos muitos, isso é uma maneira de nos barrar e fazer desistir de alcançar nossos sonhos.

Quando ingressei na Universidade do Estado do Amazonas, durante o período de 2020, no início da pandemia, pensei que eu não ia conseguir, porque já comecei com barreiras. No

dia da convocação eu estava na roça, quando recebi a mensagem através do meu padrasto. Isso foi no mês novembro de 2019, ele disse você tem que ir à Universidade, acho que você passou na prova, tem que ser agora. Fiquei assustada e feliz ao mesmo tempo, então corri para chegar mais rápido possível em casa, peguei meus documentos e fui à universidade. Quando cheguei na Universidade do Estado do Amazonas fui direto na secretaria perguntar sobre o meu caso, quem me atendeu foi o secretário, disse que eu havia perdido o período de matrícula, fiquei triste ao ouvir isso, mas ele falou que tinha outro jeito de se matricular, mas que ia demorar. Ele me informou o passo a passo sobre o pedido de recurso de matrícula fora do prazo e eu fiz. Esperei por cinco meses esse recurso sair, e quando saiu fui chamada novamente na universidade para preencher o questionário de matrícula, entrei no final do primeiro período, quando a pandemia estava começando, foi uma etapa muito difícil para mim, porque as aulas eram online e eu não tinha acesso à internet, reprovei em quase todas as disciplinas do primeiro período, porque eu não tinha acesso à internet e nem celular, só conseguir passar em uma disciplina, latim. Pensei em desistir por eu não ter nenhum recurso, mas minha mãe disse — só tenta, não desiste.

Então, o primeiro, segundo e terceiro período foram todos online, o quarto período já foi presencial, estava com muito medo no primeiro dia de aula presencial e ao mesmo tempo feliz por conseguir ser a primeira mulher Magüta da minha família a frequentar uma universidade, mas isso só foi o começo de tudo. Durante as aulas, tive muita dificuldade de entender as disciplinas de literatura e os textos mais formais, foi porque no ensino médio não tive muito contato com esses conteúdos. Às vezes, não tinha dinheiro para pagar a ida para o centro e nem minha volta para casa, então, ia andando até chegar em casa. O percurso dura 2 horas, saía da UEA 5h e chegava em casa 7 hora da noite, mas mesmo com essa dificuldade, continuei, porque não são as barreiras que vão me parar. No quinto período, tive uma disciplina que gostei muito que foi a de Literatura Africana de Língua Portuguesa, onde me identifiquei. A professora dessa disciplina fez eu me apaixonar por literatura, que não gostava muito até então, mas ela fez despertar o meu interesse pela literatura, amei demais essa disciplina.

Apesar de eu estudar numa escola que fica localizada na comunidade indígena, não tinha disciplinas que abordavam sobre literaturas indígenas, existiram poucas narrativas Ticunas nas escolas. O Curso de Letras, do Centro de Estudos Superiores de Tabatinga-CESTB, não tem uma disciplina que fale sobre a tradição e literatura indígena, mesmo a UEA estando no município onde a presença de indígenas Magütas é muito grande e a maioria dos acadêmicos são Magütas. E isso não é discutido em sala de aula. As aulas, muita das vezes, são sobre a

literatura medieval, clássica e moderna. Sim, é importante estudar isso, mas nessas literaturas os indígenas aparecem como estereótipo, e como subalterno. A universidade deveria discutir mais sobre essa questão. Atualmente, na grade do curso de letras, está sendo ofertada uma única disciplina chamada língua e cultura indígena, onde a professora não é indígena. A UEA não tem professores para atender a demanda dos alunos indígenas, porque os professores não têm uma formação adequada para receber esses alunos, assim como os alunos têm muita dificuldade de entender os conteúdos.

Política de assistência estudantil aos alunos indígenas são poucas e difícil de conseguir. A faculdade tem projetos e programas, mas isso só é ofertado no meio do período, quando a maioria dos alunos já desistiu. Esses programas e projetos deveriam ser ofertados no início do curso para que os alunos indígenas, pessoas de baixa renda, pais e mães tenham oportunidades para continuarem os estudos, não só no município de Tabatinga, mas também em todo o Brasil. Os indígenas precisam de oportunidades, não de desprezo. No início do meu processo acadêmico não tive oportunidade, mas mesmo não tendo, eu continuei, porque tive apoio da minha mãe, isso é muito importante, ter o apoio de uma pessoa que não fica criticando, pondo defeito, apontando os erros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante deste estudo, podemos perceber a importância de relatar como as Oregü são cruciais na construção de uma identidade indígena e na preservação da cultura *Magüta*, discutimos algumas denominações dadas ao longo do tempo sobre as histórias de origens do povo Magüta e suas crenças, não somente a esse povo, mas também, aos demais povos originários que existem no Brasil hoje, denominações essas dadas pelos não indígenas fazendo com que as narrativas e crenças torne mentiras, mas a verdade é que nos indígenas temos nossas próprias denominações e que queremos ser chamados pelos nossos nomes de origem.

Mostramos algumas passagens do livro “Nosso Povo” Torü Duü'ügü onde contém as *oregü* para afirmar que também temos literatura, e afirmar que as *oregü* orais também são literatura e que elas não podem ser ignoradas no meio literário. Essa literatura indígena é muito recente e está ganhando visibilidade na sociedade, porque temos escritores de vários povos originários, ela surge para combater esses equívocos que os não indígenas internalizaram na memória da sociedade. Nossos saberes e *oregü* devem ser valorizados nas escolas e

universidades, esse trabalho vai contribuir com outros acadêmicos indígenas e não indígenas a compreender nossa *oregü*, literatura e cultura. Assim como, contar o percurso de uma pesquisadora indígena é também importante para marcar uma trajetória de resistência e denunciar o silenciamento do povo indígena que ainda ocorre. Pesquisar, narrar, contar sobre nosso povo é uma maneira de resgatar nossas tradições, fortalecer nossa língua e nos mantermos vivos.

Eu e meu povo fazemos parte da sub-humanidade de que Ailton Krenak fala no livro “Ideias para Adiar o Fim do Mundo”, que a casta vê como burro que não sabe de nada, mas a verdade é eles que não sabem de nada, eles são ignorantes com os acontecimentos. Para a casta, a sub-humanidade que faço parte não tem direito a nada, por isso eles ficam criando equívocos sobre os povos indígenas. E o livro NOSSO POVO mostra que temos uma identidade, organização, cultura, conhecimento e uma literatura muito rica e única, mostra que – como também relata Krenak, inspirado pelo xamã Yanomami Davi Kopenawa – “Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir.” (Krenak, 2020. p. 32). Acreditamos que valorizar e resgatar as tradições e cultura do povo Maguta, registrar e compartilhar as *oregü*, também são uma forma de suspender o céu e adiar o fim do mundo, nesse propósito continuamos na luta.

REFERÊNCIAS

BARRETO, João. **Kumuã na kahtiroti-ukuse: uma “teoria” sobre o corpo e o conhecimento prático dos especialistas indígenas do Alto Rio Negro**. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2021.

DORRICO, Trudrúa. **Tempo de Retomada**. São Paulo: Urutau, 2023.

DORRICO, T., et al. **Literatura Indígena Brasileira Contemporânea: autoria, autonomia, ativismo**. Porto Alegre, RS: editora FI, 2020.

DUARTE, C., et al. **Escrevivência: a escrita de nós Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MUNDURUKU, Daniel. **Histórias de índio.** São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1996.

MUNDURUKU, D., et al. **Jenipapos- Diálogos sobre viver.** Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2022.

RAPOSO, P., et al. **Torü Duü'ügü-Nosso Povo.** 2ª ed. Manaus: Valer, 2021.

SILVA, Cristiane Alves. **Cosmogonia Magüta: análise das histórias d'o livro das árvores, de autoria coletiva dos indígenas Ticuna do alto Solimões.** Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2022.

THIÉL, Janice. **Pele Silenciosa, Pele Sonora: a literatura indígena em destaque.** Belo Horizonte: Autêntica, 2012.